

**ENTREVISTA CONCEDIDA À REVISTA LETRAS RARAS PELO
PROFESSOR DE LÍNGUA FRANCESA, DARIO PAGEL**

Dário Pagel é professor de Língua Francesa na Universidade Federal de Sergipe. Já foi professor na Universidade Federal de Santa Catarina; na Université Paris III e na Université Paris VII.

Já foi presidente, por dois mandatos, da Federação Brasileira de Professores de Francês e da Federação Internacional de Professores de Francês.

Revista Letras Raras: Dário, você teria um retrato do ensino da língua francesa no Brasil, na atualidade? Onde se ensina e quem aprende francês no Brasil?

Dario Pagel:

A primeira pergunta que você me faz concerne ao retrato do ensino da língua francesa no Brasil, na atualidade. A resposta é bastante complexa, pois o francês é ensinado em todas as Universidades Federais Brasileiras, em cursos de formação de professores; ou seja, cursos de Licenciatura em Letras habilitação bilíngue Português/Francês, ou habilitação unicamente em Língua Francesa e Literaturas, claro, de língua francesa. Em outras opções, o francês de especialidades, o chamado Francês Instrumental, ou outros títulos que são dados em outras universidades, mas, sempre visando à leitura, *bien sûr*, a compreensão de texto escrito; e, muitas universidades nos centros de línguas dessas mesmas instituições.

O francês, na rede escolar é pouco ensinado atualmente, eu digo atualmente, mas isso já data de uns quarenta anos. O Rio de Janeiro ainda mantém o francês, São Paulo mantém o francês, em algumas escolas públicas e algumas privadas. No resto do país, só nos Colégios de Aplicação das Universidades Federais, nós encontramos o francês no Ensino Fundamental e Médio. Fora o estado do Amapá, onde o francês ainda é ensinado na rede escolar.

Mas, esse panorama é muito sucinto, muito breve, tendo em vista a dificuldade de retratar o real ensino da língua francesa na atualidade. Existe uma demanda pela língua francesa, e isso pode ser observado em cursos de *français sur mesure*¹, por exemplo, nas Alianças Francesas, nos centros de língua. A demanda social pela língua francesa está presente, mas para uma finalidade específica que pode ser estudos, a mobilidade internacional estudantil, em universidades de língua francesa, ou viagens, ou cultura. Tem

¹ “Francês sob medida”. São os conhecidos cursos *à la carte*, isto é cursos que atendem às demandas individuais

uma amiga que classifica o francês *haute culture*, *c'est à dire*² o francês para fins culturais que hoje é pouco proposto, quase não é mais proposto nas universidades e muito menos nas Alianças Francesas.

Bom, eu não sei se esse retrato foi o bastante... ele é real sim, mas não é completo. É difícil você fazer um retrato completo, pois eu não tenho esses dados para fazer isso. Em todo caso, quero dizer que há uma demanda pelo ensino da língua francesa, mas também faltam professores. A questão da demanda do francês não é só uma questão do francês; é uma questão do ensino da língua estrangeira; é uma questão do problema da nossa educação brasileira, do problema da escola brasileira.

Revista Letras Raras: Como você analisa a nova Lei Federal do Ensino Básico (BNCC: Base Nacional Comum Curricular, 2016) que exclui as línguas estrangeiras (propostas nos PCN), deixando uma única língua estrangeira obrigatória?

Dário Pagel: A exclusão, para mim, é uma vantagem para o francês e deixando uma única língua estrangeira obrigatória, no caso o inglês... O inglês tornou-se, legalmente, pela lei uma língua obrigatória mas ela sempre foi obrigatória e o francês nunca deixou de ser uma língua secundária, quando não, uma atividade complementar. O problema não é só a questão dessa nova Lei, desse novo Ensino, dessa nova Base Nacional Comum Curricular. O problema realmente é mais amplo, é o problema da escola, é a formação: nós queremos formar qual cidadão e eu sempre volto na mesma tecla: a questão é que o Estado, no momento, não tem interesse em formar cidadãos em língua estrangeira. A questão é ainda mais ampla, ela é política e política de Estado, não é só Política Educacional, Política Linguística, é uma Política de Estado. O acesso a língua estrangeira dá acesso a fontes estrangeiras, ou seja, novos horizontes e isso nem sempre é do interesse de um Estado; e, não falo só do Brasil, falo do domínio econômico estrangeiro que nós temos na nossa América do Sul, há décadas.

Revista Letras Raras: Na sua ótica de experiente professor, a que você atribui essa decisão governamental?

Dário Pagel: A pergunta número 3 já ficou relativamente respondida na questão 2, que você evocou. Você fala aqui “como professor experiente o que atribuo essa decisão governamental?” Eu volto a dizer: essa decisão governamental não é para reduzir custos, isso é uma desculpa, reduzir custos não, é para reduzir justamente acesso a informações estrangeiras e tem essa política, essa visão monolíngue que não é do Brasil, ela vem das grandes potências econômicas internacionais, multinacionais, na verdade. Ela é

² “Alta cultura, isto é”. A expressão faz uma analogia à *Haute couture* [Alta-costura], posto que além de ser uma atividade sob medida, é também de um alto nível.

monolíngue essa política, porque percebe-se que tentam transformar o mundo plurilíngue em monolíngue. Isso é impossível, pois o mundo nunca será monolíngue, mas temos que lutar! Ele é plurilíngue, existe a diversificação de línguas e isso não vai acabar nunca. Então, a decisão de uma política de línguas é uma decisão governamental, portanto pode ser temporária. O contexto atual reforça a necessidade de elaborar uma política de línguas estrangeiras, uma política pela escola. Não gosto de falar só pela língua estrangeira, porque essa crise não é só da língua estrangeira, a crise é da escola, a escola está em crise, o sistema educacional está em crise.

Revista Letras Raras: Como estão os cursos de graduação em francês no Brasil? Você acha que algo pode mudar ou o professor de francês já está habituado a lidar com essa realidade? Comente um pouco sobre essa questão.

Dário Pagel: Eles estão relativamente bem. Eu cito exemplos de Aracaju onde há uma demanda grande pelo curso de graduação em francês em habilitação bilíngue, ou seja, habilitação dupla português e francês, mas, outras universidades como a de Santa Catarina onde a habilitação é só em língua francesa, existe também uma demanda estável. As vagas são sempre ocupadas. Claro, há alunos que entram hoje num curso de Ciências Humanas, Letras, inclusive, especialmente em Francês, que buscam verdadeiramente uma formação profissional na língua francesa ou naquela habilitação dupla ou única e outros que buscam uma inserção social, uma ascensão social.

Há vários elementos sociais que hoje estão sendo colocados quando o nosso aluno busca o curso de graduação em francês. Ele não vai unicamente para ser professor de francês, todos sabem muito bem, eu sempre digo para os meus alunos: “*Je suis formateur et pas employeur*”³. Então, essa questão deve ser sempre colocada, claro que devemos lutar pelo mercado de trabalho dos nossos alunos, mas, não é só o aluno de francês que está desmotivado pelo ensino, pelo magistério. Observa-se de uma maneira geral, que todos os cursos de licenciatura atravessam uma crise, porque há um descrédito do magistério, o jovem não busca mais muito o magistério hoje.

Revista Letras Raras: Você acredita que é possível reverter essa situação em favor de um plurilinguismo necessário no Brasil e que está em discussão em todo mundo?

Dário Pagel: Sim, é possível, mas temos que formar os nossos parlamentares que, na sua maioria, são ignorantes em línguas estrangeiras. Temos que formar... e eu sempre digo aos meus alunos o debate começa na nossa comunidade, começa com os nossos governadores, com a câmara de vereadores de cada cidade brasileira. Ou seja, de todas as câmaras de vereadores do Brasil que são mais de 6.000 (seis mil), nós podemos já começar

³ Sou formador e não empregador

um trabalho de luta pelo plurilinguismo. É um trabalho chato, é um trabalho difícil, é um trabalho árduo que demanda tempo e disponibilidade, porque os nossos representantes na Câmara de Vereadores e nas Assembleias Legislativas são muito ignorantes e tem outros interesses, normalmente, interesses que atendem aos seus próprios projetos e que raramente envolvem educação. Por que não envolve educação? A educação não dá voto, a saúde não dá voto. Porque ela atende aquela massa menos favorecida, a massa, ou seja, quando eu digo massa, digo a massificação da qualidade, a qualidade tem que ser massificada e isso não é de interesse do governo do poder, digo não é governo X ou Y.

Não é de muito interesse do poder em qualificar a massa, e a língua estrangeira entra nessa questão da qualificação. Entretanto, podemos reverter sim, com projetos junto aos nossos representantes: vereadores, deputados estaduais, para depois seguir para Brasília, para a Câmara de Deputados, para o Senado e em seguida para o Conselho Nacional de Educação. Havendo recomendações que venham da base, do município, as coisas podem se construir. Hoje, acredito que é de baixo que devemos começar a construir, não é o secretário de educação que vai determinar a inclusão ou não de tal língua; mas é o trabalho de formiga. Se a formiga constroi porque é disciplinada, então também devemos ter disciplina nas nossas ações.

Revista Letras Raras: Dário, se você estivesse iniciando a sua carreira como professor na atual conjuntura, você optaria pelo curso de Licenciatura em Língua Francesa? Por que você tomaria essa decisão?

Dário Pagel: A última pergunta que mais me agrada: Se estivesse iniciando a sua carreira de professor na atual conjuntura, você optaria pelo curso de Licenciatura em Língua Francesa? Sim, digo sim com o maior entusiasmo, porque não é porque a língua francesa não está sendo ensinada que eu vou deixar de me qualificar numa área da minha opção, do meu agrado. “Quem é competente se estabelece”, já diz o velho ditado.

Quando me formei na graduação, em 1974, já não havia, há quatro anos, a língua francesa na rede escolar de Santa Catarina, e não foi isso que me desmotivou pelo francês; pelo contrário, me deu força para trabalhar e crescer.

Há mais de quarenta anos que estou trabalhando nesse sentido pela língua francesa, que está nessa situação há mais de quarenta anos onde teve momentos um pouco mais altos, outros um pouco mais baixos, e vai continuar sim. Enfim, quem é competente se estabelece e eu, se fosse recomeçar hoje, faria novamente o curso de Letras Língua Francesa, porque quando se faz o que se gosta, quando você se forma no que você tem aptidão, tem gosto, tem motivação, você se estabelece, você é competente. Você pode até criar sua própria escola de línguas sendo bom, sendo competente. Portanto, não é a pouca presença do francês na rede escolar brasileira que vai desmotivar o nosso aluno do Curso de Letras.

Dário, obrigada por nos conceder esta entrevista e muito obrigada, principalmente, por nos transmitir essa força e esse amor pela Língua Francesa,

Revista Letras Raras

Campina Grande, 27 de novembro de 2017